

A Arte de Escrever e Orientar um Texto

Enfrentando os Dois Flagelos da Alma Humana: as armadilhas do desejo e a presunção da verdade

Lúcia Schneider Hardt¹

Resumo

O texto discute a função da orientação em um curso de Mestrado considerando um campo de estudos: a Filosofia da Educação. Indica e descreve o processo formativo que acaba se estabelecendo entre sujeitos que se encontram em razão de desejos semelhantes, condição insuficiente para bem-escrever. Uma trajetória de estudos, de enfrentamentos deve ser vivenciada para qualificar e alargar aquilo que o desejo aponta, mas também exige outras condutas. É preciso conhecer a tradição do já anunciado, escrito, decifrar o que está entre nós para, então, de forma criativa, afirmar ou recusar aquilo que terá abrigo e acolhida em um texto que deseja ensaiar o pensamento (Montaigne) e escrever com sangue e espírito (Nietzsche), para dar ao texto um estilo artístico.

Palavras-chave: Espírito-livre. Ensaio. Arte de bem-escrever. Formação.

THE ART OF WRITING AND DIRECTING A TEXT: FACING THE TWO SCOURGES OF THE HUMAN SOUL: DESIRE OF THE TRAPS AND THE PRESUMPTION OF TRUTH

Abstract

The paper discusses the role of guidance in considering a Master's degree a field of study: philosophy of education. Shows and describes the training process that ends up setting between subjects who are similar in terms of desires, insufficient condition for good writing. A trajectory study confrontations must be experienced to qualify and extend what we desire but also requires points. You need to know the tradition of the already announced, writing, decipher what is between us and then creatively affirm or deny what has shelter and welcome in a text you want to test the thinking (Montaigne), write with blood and spirit (Nietzsche) to give the artistic text style.

Keywords: Free-spirit. Test. Art of writing. Formation.

¹ Doutora e mestre em Educação (UFRGS). Professora-associado I no Departamento de Estudos Especializados em Educação no Centro de Ciências da Educação (UFSC). luciaschardt@gmail.com

A função de orientadora impõe a presença dos textos; e mais, exige compulsivamente um dizer diante dos textos. Uma prática por vezes curiosa, por vezes estafante, quando o que se tem a dizer precisa mais de cautela e provocação do que palavras de conforto. A condição para o dizer é uma condição polifônica. O texto abriga muitas vozes, mas cabe a cada texto dar à quantidade de vozes algum tipo de singularidade. Desse ponto devemos ter mais intuição do que normas e regras. Uma intuição temperada pela consistência, pela seleção artesanal das palavras, o corte cirúrgico de outras para dar ao texto uma voz que garanta, pelo menos, uma sonoridade aos espíritos curiosos.

A arte de bem-escrever, uma primeira reflexão, e nesse contorno tomar o Fedro, de Platão, como um ponto de partida, parece recomendável. O diálogo toma um texto e, diante dele, apresenta regras para o bem-escrever. Seu formato é longo e detalhado, mas aqui vai interessar pinçar algumas posições, especialmente aquelas que procuram estabelecer critérios para esta arte com as palavras. Contemplar a boa retórica exige: a) conhecer bem o assunto sobre o qual se quer discorrer; b) conhecer a natureza humana, sua alma para, de fato, contemplar sua beleza no texto; c) dar ao texto o caráter de uma imagem pictórica, produzida por um artista que garante ao texto/imagem uma presença capaz de apresentar-se independentemente.

No diálogo de Platão – um texto – o discurso de Lísias encanta Fedro. O discurso é lido para Sócrates em nome de sua beleza, na qual Lísias se coloca na posição de um pretendente não apaixonado que tenta convencer o parceiro de que é melhor se enamorar de um pretendente não apaixonado do que de um apaixonado. Toda a argumentação destaca a lucidez, a sensatez de quem não está apaixonado e condena o delírio da paixão. Está em questão o domínio da razão e de como convém não perder este domínio no transcurso de uma paixão. Um discurso que se desdobrará em mais dois. Assim como os textos de orientação, muitos outros vão surgindo para que as interações entre todos possam expressar uma trajetória formativa.

Afinal, como nos tornamos o que somos? Será preciso ver a si mesmo, reconhecer as escolhas que fez, aquelas impostas, aquelas que nem percebemos que poderíamos ter feito quando avaliamos o texto em construção. Em grande medida nem sabemos quem somos e por isso esbanjamos energia em lugares inadequados. Naufragamos quando nos esquecemos, estreitamo-nos, apequenamo-nos. O ato que nesse ponto surge é aquele que foi impedido de ser cultivado, esqueceu que existia, não buscou a nutrição adequada, mergulhou em clima e lugar inadequados e deixou-se configurar, quando não morrer. Mesmo na academia corremos o risco de morrer por conta das rotinas já incorporadas. Também esses temperos precisam ser cultivados na orientação de um texto.

No caso do Fedro, Sócrates toma para si apresentar um discurso ainda melhor do que de Lísias sendo fiel à própria condução do tema, tal como indicado pelo autor. Está em questão o texto; escrevê-lo bem, pensar para além dele. Sócrates elabora um discurso ainda mais belo, defendendo a mesma tese, mas cobre o rosto indicando que aquele texto ainda não é seu texto final, senão uma escrita que pode ter uma bela forma sem ainda retratar as regras anteriormente citadas.

Fedro se encanta por este primeiro texto de Sócrates sem ainda perceber a estratégia do filósofo. Diante do entusiasmo de Fedro, Sócrates anuncia um terceiro discurso, que pretende agora ser fiel a *eros*, podendo, inclusive, retirar o manto da cabeça, pois agora é seu texto que fica apresentado.

Este terceiro discurso deve considerar as regras do bem-escrever – a verdade, a alma humana, a originalidade e a força do texto. A questão não é convencer, mas buscar a verdade. Nesse ponto a verdade começa com a loucura, a loucura do amor. Esta loucura não é apenas uma descrição, uma narrativa, mas uma busca, uma escavação sobre sua origem e sua vitalidade. A verdade não reduzida pela exposição, mas pela curiosidade. Afirma Sócrates no texto de Platão: “Caso se pretenda que um discurso seja bom, não deverá a mente do discursador estar munida do conhecimento da verdade relativa aos assuntos que serão objeto de seu discurso?” (Platão, 2008, p. 78).

Sócrates segue afirmando que o bem-escrever destituído da verdade pode enganar. Todo discurso pode acessar o belo, mas somente um acessa o pensamento justo e desprende-se do injusto. A arte do bem-escrever implica aproximar-se da verdade, saber da alma humana e dar a um texto uma solidez mínima. O tema do amor, para Sócrates, era um tema polêmico, que pode nos enganar e é justamente sobre temas desse porte que a retórica exerce mais poder. A retórica se engrandece quando lida com temas que dividem os seres humanos, e é preciso mais aproximação com os cenários da alma humana para perceber em quantos personagens pode o engano apresentar-se.

E os temas que circulam na linha da filosofia da educação em um curso de Mestrado? Parecem também ser temas que nos dividem, podem nos enganar, escorregam, escorrem entre os dedos. Como bem-escrever sobre esses temas, que, no caso desta experiência/artigo/aula, tem no tema da formação humana sua centralidade? Afinal, o que é formar? Existe o justo e o injusto nesse caso? O certo e o errado?

Continuemos com Fedro. Sócrates anuncia que um discurso, assim como um ser vivo, precisa estar organizado, possuir um corpo próprio, para não ser acéfalo, ficar sem pés e contar com uma centralidade que o sustente. E mostra a seu interlocutor o quanto os discursos carecem desses critérios, inclusive o de Lísias. A afirmação irrita Fedro, mas Sócrates continua: um dos discursos sustenta que o amante (apaixonado) deve ser favorecido; o outro afirma que o não amante é que deve ser favorecido. Sócrates segue assegurando que não é possível antecipadamente tomar uma posição; é preciso novamente voltar a *eros* e à *loucura*, apreciá-los como lugar do pensamento humano. Tal busca pode começar com um discurso bem-escrito, mas pode sempre produzir outro, ainda insatisfeito com os argumentos.

Parece que o que fica aqui exposto é uma crítica à postura inicial de Fedro: um entusiasmo exagerado pelo primeiro texto. Não soube se indagar sobre o tema em questão, não revelou proximidade com a alma humana, nem imaginou poder contrapor um outro texto, ou pelo menos um argumento. Até aqui a lição do Diálogo de Platão, que em aula foi tomado como texto para

pensar a primeira versão dos textos dos alunos. Ansiosos por aprovação, o primeiro texto parece sempre tão intenso que chega a um programa de Mestrado delineado pela vontade de convencimento. Está iniciada uma primeira batalha: enfrentamento do primeiro texto.

Como em Platão, mais textos surgem na trajetória de estudos dos alunos. Textos motivados por disciplinas, orientação, interações, grupos e núcleos de pesquisa. No caso de Sócrates, os três textos voltam ao diálogo e, ainda que o discurso sobre *eros* avance, os diálogos seguintes vão mostrando que a suposta loucura está em todos os textos, contudo apresenta diferentes abordagens. Um texto, para ser bom, precisa conhecer as possíveis abordagens de um mesmo tema tomando outras vozes. Conhecer apenas sua própria voz é reduzir o texto a um só pensamento. “Miopizar” o tom, a palavra, o sentido.

Sendo assim, o que é falso e verdadeiro? Fica aqui uma brecha para pensar outra coisa que virá em seguida: dar entrada a Nietzsche como também um orientador de textos. De Sócrates na mão de Platão e sua escrita, uma orientação emblemática, pautada por um novo valor: a palavra que paulatinamente substitui a oralidade. Nesse exercício da transição a racionalidade impõe seu peso: um discurso precisa ter corpo próprio, estar sustentado em seus pés, ter cabeça e dimensões próprias. Ainda que Sócrates tenha sido a referência da palavra fora do texto escrito, foi, sem dúvida, o grande orientador da captura das palavras visando à retórica. E suas lições precisam ainda hoje ser conhecidas, estudadas.

A racionalidade do texto apresenta uma face fantasmagórica: difícil livrar-se do tempero em questão, ainda mais quando não sabemos o que colocar nesse lugar. Não cabe desperdiçar, portanto, as lições do Fedro e da arte do bem-escrever. Nessa lição há algo que também incomoda: uma espécie de círculo hermenêutico bem-descrito por Weber (2011, p. 71):

Porém, o que nos garante a posse do espírito da busca da verdade? Lembrem-nos da inquirição socrática presente no Fedro, acerca do reconhecimento: como reconhecer o que procuramos se não sabemos o que é, pois, se soubéssemos, já não procuraríamos mais, pois saberíamos.

A provocação de Weber indica a necessidade de refletir sobre o espírito livre, aquele que pode pensar contra seu tempo, pode pensar de modo diverso do que se esperaria, mas com a mesma densidade de quem retoma ao que está posto pela tradição. Escapar da tradição implica, contudo, conhecê-la, dando à ruptura uma conotação de alta responsabilidade. Aos alunos sempre vale nesse ponto dar uma parada e cavar uma trincheira para outra reflexão. Ao desejar alunos criativos, com estilo próprio, por vezes confundimos, autorizando qualquer manifestação. Cabe, sim, enfrentar a tensão entre tradição e criatividade, razão e arte, para dimensionar de fato a tensão entre ruptura, coragem e conhecimento da tradição.

O Fedro de Platão, mesmo tomando como tema a discussão sobre o problema do *eros*, essa não é a finalidade do diálogo e, portanto, não concorre com o Banquete nesse particular. O tema era da preferência dos gregos, mas exigia cuidados, rigor, clareza premissas de toda retórica. O objetivo visava a estabelecer uma interface entre a palavra escrita, falada e o pensamento bem-organizado. A arte de bem-escrever implica saber recusar, refutar ideias dadas como insensatas e frágeis. O discurso de Lísias não tinha uma estrutura rigorosa, ainda que tivesse encantado Fedro. Nesse ponto um outro argumento importante para um bom discurso: cultura de fundo. Argumento que depois será enfrentado pelo espírito livre.

Segundo Jaeger (2003), todo orador que toma a palavra para falar ou escrever deve conhecer o mundo da alma humana com todas as suas emoções e forças. Aqui consideramos o peso da palavra formação, tema de nosso artigo. Tomar as palavras exige formação, cultura de fundo. O Fedro implica cruzamento com a Paideia grega. Bem-escrever é conhecer o tema sobre o qual se escreve. A pressa impede um bom texto, referindo-se aos sofistas, pois quem se interessar pela verdadeira cultura do espírito:

Não se contentará com os escassos frutos temporãos cultivados como desfatio no horto retórico, mas terá necessária paciência para deixar amadurecer os frutos da autêntica cultura filosófica do espírito. Já pela República e pelo

Teeteto conhecemos esta defesa da cultura filosófica: o seu pressuposto é o princípio do longo rodeio, é importante ver como Platão sempre volta a ele (Jaeger, 2003, p. 1.273).

Esse acesso à cultura não é condição de todos, mas é fundamental para aqueles que exercerem funções de responsabilidade junto a cidade. Mais uma lição importante aos alunos e seus textos. É preciso uma cultura de fundo para bem-escrever. Essa cultura, contudo, não pode nos capturar depois que a conhecemos. Nesse ponto, outra lição: nosso destino não é ser um espírito cativo; podemos ser livres. A Paideia grega parece ser o grande cenário de fundo; a tradição que deve ser conhecida captura-nos em seus detalhes, em sua riqueza, em sua sensibilidade. Essa tradição, porém, deve nos seduzir a pensar, a nos colocar diante de outros desafios considerando o que a humanidade já pensou, assim aquilo que podemos acumular não nos torna cativos, mas nos liberta a continuar a realizar a tarefa de responder ao mundo com nosso tempero e estilo.

De Fedro, então, chegamos em Montaigne, um artesão da dúvida para consolidar uma outra forma de escrever: os ensaios. O tema tomado para a reflexão neste artigo: “*é loucura condicionar ao nosso discernimento o verdadeiro e o falso*”, abordagem interessante para continuar a dialogar sobre o texto quando o que fica recomendado é a prudência intelectual. As medidas da nossa suposta inteligência não são compatíveis com a complexidade do real. A familiaridade ou estranheza das coisas ocorrem mais em virtude de nossos hábitos do que em razão de nossa capacidade de conhecer. Nessa direção a prudência e a curiosidade devem ser mantidas. Presunção, segundo Montaigne, não é um bom tempero para escrever. Corremos o risco de falar mais de nós mesmos do que de um tema, de um problema, de uma curiosidade.

Assim, o que estava posto como cultura de fundo é de tal forma aqui considerada, que o fundo tem também um espaço para o enigma. Existe um espaço para o inusitado, e está implícita uma ideia de que nem tudo esteja decifrado. Esse fundo apresenta ainda pontos para serem pensados, tocados e não levemente definidos. E mais: “*é uma ousadia perigosa e considerável, além da absurda temeridade que traz consigo desprezar o que não compreendemos*”.

O texto que está por ser escrito não poderá jamais tudo contemplar nem tudo descrever, e nem por isso podemos desprezar o que não foi possível. Não conseguimos escrever considerando nosso horizonte de pesquisa e de cultura. Nessa direção, Montaigne sugere os ensaios como outro gênero da escrita, que possa tomar a vida para abrigá-la em outros estilos estéticos que não a compulsão descritiva para mostrar a verdade. Reduzir a vida e seus dilemas a um formato científico, garantindo o pleno discernimento das variáveis em questão, tira da cultura de fundo as grandes motivações da humanidade que sempre partiram de perguntas e não de respostas.

Nesse rumo, talvez seja possível exemplificar Montaigne e seu gênero discutindo uma ideia que ele mesmo trata em seu estilo ensaístico – *dos mentirosos*. Inicialmente rejeita a relação imediata que parece estabelecida para evitar a mentira: ligar memória e discernimento. Para Montaigne as memórias excelentes costumam, em geral, estar unidas aos discernimentos fracos. Por vezes é importante livrar-se da memória quando está carregada de ideias e opiniões alheias, “o armazém da memória costuma ser mais bem provido de matéria do que da invenção”. A memória pode nos tornar mudos e apenas repetir o que já virou tagarelice; “e se a história é boa, sufocam-lhe a excelência; se não é, começamos a maldizer ou o sucesso de sua memória ou o fracasso de seu discernimento”.

Os textos nas academias correm o risco, portanto, de tornarem-se enfadonhos pelo excesso de memória “viciada” ou pela fragilidade do discernimento. Seria preciso lembrar, como afirma Montaigne em seu ensaio, que lugares e livros que reencontramos sempre tendem a nos sorrir com um frescor da novidade. Assim, ler mais uma vez, tomar outra vez um tema não significa negar a esse propósito a novidade. E para prosseguir, o que a memória tem a ver com a mentira?

De fato, diz Montaigne:

A mentira é um vício maldito. Apenas pela palavra somos homens e nos ligamos uns aos outros. Se conhecêssemos o horror e o peso da mentira, iríamos persegui-la a fogo mais merecidamente que outros crimes. Acho

que costumamos perder tempo castigando despropositadamente nas crianças erros inocentes, atormentado-as por causa de ações irrefletidas que não deixam marcas nem conseqüência. Apenas a mentira e, um pouco abaixo, a obstinação parecem-me ser aqueles cujo nascimento e avanço deveríamos combater tenazmente. Elas crescem junto com as crianças. E, depois que se deu à língua esse andamento falso, é espantoso como é impossível afastá-la dele. Daí advém que vejamos homens honestos em outras coisas serem dominados e escravizados por ela. Tenho um bom aprendiz de alfaiate que nunca ouvi dizer uma verdade, nem mesmo quando ela se apresenta para lhe servir utilmente (2002, p. 51).

E Montaigne segue provocando sobre o tema, afirmando que o melhor seria ter certeza de que a mentira pudesse ser controlada pelo seu oposto dando lugar à verdade. Esse oposto, todavia, apresenta mil faces, restando ficar alerta tanto em relação à verdade quanto à mentira. Assim, a memória, quando completa de um só destes ingredientes, pode ser insuportável.

Parece interessante pensar nesta direção: um texto fechado de verdades em geral torna-se dogmático, e um texto cheio de fragilidades e tagarelices dispensa leitura. Não precisaria, portanto, ser escrito. Por sua vez, um texto mergulhado no desejo não responde à curiosidade da alma; rasga o coração de perguntas sem ser capaz de produzir qualquer aconchego.

Parte-se desse ponto para o último fio dessa trama: um texto precisa ser “escrito com sangue”, expressão de Nietzsche no livro *Zaratustra*. “Escreve com sangue; e aprenderás que sangue é espírito”. Nesse mesmo ponto expressa muitas outras ideias que aqui merecem ser tomadas. Indica sua rejeição ao leitor ocioso; escrever para o leitor que busca diversão é banalizar a escrita. Assim, diz Nietzsche, não escrevo para ser lido, mas guardado *de memória*. Veja aqui novamente a memória, agora com um tom diferenciado. Guardar de memória significa ter desejado grudar em si o que ficou compreendido não para repetir, mas para viver e experimentar. Nem tudo está na memória; fica aquilo que merece lugar porque tem qualidade. Enuncia Nietzsche:

Aprendi a andar; desde então corro. Aprendi a voar; desde então não quero que me empurrem para mudar de lugar. Agora sou leve, agora vôo; agora me vejo no alto, acima de mim, agora um Deus dança em mim (2007, p. 60).

Escrever, para Nietzsche, implica escrever a partir da vida, mas com espírito criador. Tinha aversão ao leitor que apenas desejava divertir-se (ocioso), e se apenas escrevesse para estes nada seria acrescentado ou negado em nosso contexto de cultura. Nesse ponto uma interface possível com o Fedro de Platão. Afinal, também lá escrever para seduzir não era suficiente; os movimentos do espírito estariam ausentes e a cultura de fundo não estaria retratada. Certamente os tons e as finalidades são distintos, mas os dois textos e os dois autores defendem um texto que mereça ser lido, ainda que por poucos.

Nietzsche ataca a escrita feita de promessas e escreve com agudeza e crueza sobre temas humanos, demasiado humanos. Compreende-se como póstumo, uma vez que nem seus mais próximos compreendem o que fica para ser pensado, mas parece convencido que o querer do sangue tornou-se palavra.

Como Montaigne, Nietzsche revela as mil faces da verdade e defende o perspectivismo. Ele surge na relação com a vida, nascida do caos e estruturada por múltiplas versões capazes de nos fazer viver apesar do caos. Interpretamos para criar um texto; essa é a lição de Nietzsche. Tal atitude implica conseguir viver diante do caos e das mil e uma faces da vida.

O texto que se deseja na academia também poderia ter mil faces, mas precisamos dar uma ordem para poder escapar do caos e dar com sangue uma materialidade ao nosso espírito criador. Em geral, nossos textos têm muito de desordem, de face única, de sedução, de fraco discernimento, de matérias excessivas do armazém da memória que nada selecionou, apenas acumulou. Orientar parece ser lidar com tudo isso e ainda assim preservar-se, pois tanto aluno quanto professor serão formados enquanto tomam os textos para criar estruturas criativas.

Como diz Nietzsche, “não se passa nada no real que corresponda rigorosamente à lógica” (Vontade de Potência I). Assim, lembra Granier (2009), o conhecimento deve se contentar em ser um minucioso e paciente deciframento,

sob a forma de ensaio, avançando em medidas homeopáticas, mas cruciais, para dizer o que é possível dizer evitando tudo explicar, tudo provar. Precisamos nos livrar do Todo, perder o respeito mesmo, pois produz espíritos cativos, para, então, dar espaço a um espírito livre, que pensa diferentemente do seu tempo.

Espírito livre e intérprete parecem faces de um mesmo sujeito. Aptos para ensaiar a vida em texto sem dar as costas aos valores que a tradição estabeleceu, seja para afirmar ou recusar. Sem essa cultura de fundo, o espírito livre e o intérprete são engolidos pela sedução de uma suposta resistência sem conteúdo. Arautos da novidade vazia e passageira. De toda forma, é preciso indagar-se sobre o que nessa tradição nos impede na direção da expansão e vontade de potência. A pesquisa genealógica encaminha esse desafio. Está posto o compromisso de fazer uma crítica das valorações reinantes e predominantes em diferentes períodos históricos. Afinal, os valores em ação nasceram da inteligência humana ou do medo, da exploração, do temor? Como nos livrar do peso que não devemos mais carregar?

Ao anunciar o espírito livre, Nietzsche entende que é papel da Filosofia suspeitar. Filosofar a golpes de martelo, destruir ídolos, pôr em questão nossa maneira de pensar, agir, sentir e valorar. A verdade, assim como já anunciado por Montaigne, não é o oposto do erro. Redefine o bem e o mal sem imaginar que seja preciso escolher um deles, mas antes pensar a partir deles. Nietzsche lança um convite a todos (não apenas filósofos): questionar-se sem cessar.

Da genealogia e do espírito livre vem a condição de orientar: debater o tema em questão em um contexto, para tentar decifrar o que ficou inventado e legitimado nesse cenário para, então, ser enfrentado ou afirmado. Parte-se de um desejo, da loucura de um amor, que, em alguma medida, alcança aluno e professor, os quais devem converter o tema que os ronda em razão para escrever, de tal modo que se faz forte quando se alcança a ele o sangue e a vida para compreender sem presunção e arrogância uma nova face daquilo que os tocou.

Sem esquecer que o empenho exige também uma arte – a arte de bem-escrever – tarefa humana de muito tempo, ensinada e aprendida de muitas formas, banalizada tantas vezes, e que sempre deve ser buscada novamente em

um outro processo de formação. Parece mesmo que o exercício da escrita em um Mestrado ou Doutorado captura pelo menos dois sujeitos que, pautados pelo desejo e o dever, precisam se ver com sua formação para sempre que possível e necessário alargar e qualificar o que se diz sobre a alma humana, especialmente no campo da Filosofia da Educação.

Referências

FOLSCHEID, Dominique. *Metodologia filosófica D. Folscheid, Jean Jacques Wunenberger*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GRANIER, J. *Nietzsche*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LEBRUN, Gerard. *Nietzsche*. Coleção Os Pensadores, Obras incompletas. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1983.

MONTAIGNE, Michael. *Os ensaios*. Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. *O crepúsculo dos ídolos ou, como se filosofa com o martelo*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Ecce Homo*. Tradução, organização e notas Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2003.

PLATÃO. *Diálogos III*. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2008.

WEBER, José Fernandes. *Crítica à moral e educação*. Disponível em: <<http://revista-seletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/7753>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

VICENTE, Gil. *Sobre o Fedro de Platão*. Disponível em: <<file:///C:/Users/Hardt/Documents/aulas%202011/Sobre%20o%20Fedro%20de%20Plat%C3%A3o.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

Recebido em: 1º/5/2014

Aceito em: 30/10/2015